

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Beatriz Neves da Silva

**SANTA ABSTINÊNCIA: OS CASOS DAS SANTAS CATÓLICAS E O  
SACRIFÍCIO CORPÓREO NAS EXPERIÊNCIAS DE SANTIDADE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas,  
da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANA BEATRIZ NEVES DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202373007**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SANTA ABSTINÊNCIA: OS CASOS DAS SANTAS CATÓLICAS E O SACRIFÍCIO CORPÓREO NAS EXPERIÊNCIAS DE SANTIDADE**, desenvolvido durante o período de **18 DE JUNHO DE 2025** a **DATA DO FINAL DO TCC** sob a orientação de **ARNALDO ÉRICO HUFF JÚNIOR**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**ANA BEATRIZ NEVES DA SILVA**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

**OBSERVAÇÃO:** esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# SANTA ABSTINÊNCIA: OS CASOS DAS SANTAS CATÓLICAS E O SACRIFÍCIO CORPÓREO NAS EXPERIÊNCIAS DE SANTIDADE

Ana Beatriz Neves da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho visa investigar os casos de Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi e os seus hoje vistos como transtornos alimentares pela psiquiatria e psicologia moderna, analisando sua relação com suas vidas como religiosas. A metodologia utilizada envolve a análise de textos biográficos, passagens bíblicas e estudo de artigos sobre saúde mental e religiosidade. A intenção é trazer à luz as práticas das beatas do ponto de vista social e religioso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catolicismo. Transtornos Alimentares. Santa Catarina de Siena. Santa Maria Madalena de Pazzi.

## 1. INTRODUÇÃO

Diferente da sociedade atual onde os ideais lipofóbicos predominam, no período em que as beatas católicas que serão objeto de estudo neste artigo viveram, associava-se a gordura à fartura, à saúde e as formas cheias eram bem vistas e tidas como ideais. A gordura identificava o burguês onde à mesa nada faltava. A magreza remetia à doença e possuía ainda uma conotação psicológica remetendo à avareza e à mesquinha desenfreada. No entanto, a prática do jejum tem uma longa história na cultura ocidental associada ao cristianismo, sendo uma prática onde se coloca à prova o corpo, ou a carne, em favorecimento da purificação do espírito.

Ao analisar biografias de santas e beatas da Idade Média, observa-se que o jejum religioso era uma prática comum, utilizada como meio de aproximação divina. Com o tempo, essa prática entrou em declínio, especialmente após reflexões como as do papa Bento XIV, que enfatizou que "não é o jejum que faz a santidade, mas a santidade do jejuador que determina a santidade do jejum".

Santa Maria Madalena de Pazzi e Santa Catarina de Siena viveram em séculos diferentes, mas compartilham uma série de ligações, desde suas experiências místicas até seus flagelos em nome da religiosidade.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### BIOGRAFIAS DAS SANTAS

#### 1.1. Santa Catarina de Siena

Santa Catarina de Siena, nascida Catarina Benincasa em 1347 na cidade de Siena, Itália, representa um dos casos mais notáveis de ascetismo feminino na história da Igreja Católica (DERZI, 2014). Filha de uma família grande e pobre, com 25 filhos — dos quais apenas 12 sobreviveram à infância —, Catarina cresceu em um contexto marcado por altas taxas de mortalidade e dificuldades socioeconômicas (MBC, 2023). Apesar das limitações físicas e da saúde frágil, desde cedo demonstrou grande inclinação para práticas

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior.

espirituais, tendo sua primeira visão mística aos seis anos de idade, quando percebeu a presença de Jesus em vestes pontifícias, acompanhadas de São Pedro, São Paulo e São João Evangelista (DERZI, 2014).

A infância de Catarina foi marcada por episódios de resistência às normas familiares e sociais, especialmente no que se referia à expectativa de casamento. Aos doze anos, sua mãe buscou casá-la com um parente, decisão que foi frustrada por uma série de eventos que levaram a jovem a cortar os cabelos em sinal de oposição (MBC, 2023). Esse gesto simboliza não apenas a recusa ao casamento, mas também o início de uma vida de ascetismo e disciplina religiosa, marcada pelo voto de castidade e pela dedicação ao serviço espiritual. Segundo Derzi (2014), tais atitudes refletem a tensão entre os papéis tradicionais atribuídos às mulheres e a busca individual por autonomia espiritual.

A partir dos 16 anos, Catarina ingressou nas Mantelatas, um grupo de mulheres devotas que, embora não residissem em conventos, dedicavam-se a práticas rigorosas de oração, assistência aos pobres e penitência corporal (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Sua entrada nesse grupo, inicialmente contestada devido à juventude da santa, só foi permitida após demonstrar extremo sofrimento físico e dedicação, indicando como a persistência na disciplina ascética era um critério de validação espiritual naquele contexto.

As práticas de mortificação corporal de Catarina incluíam o uso de cilício, auto-flagelação e jejuns prolongados, restringindo-se frequentemente a pão e água (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Ela recorria inclusive a purga e outros métodos de privação alimentar quando pressionada a ingerir alimentos em maior quantidade. Essas ações não podem ser compreendidas apenas como extremos de devoção; para Catarina, o sofrimento físico representava uma via direta de purificação espiritual e um meio de interceder pela Igreja e pelos pecadores (BRUMBERG, 2000).

No contexto da época, a postura ascética de Catarina também possuía significados sociais e políticos. Conventos e grupos devotos femininos ofereciam às mulheres um espaço de poder simbólico e influência espiritual, em contraste com a limitada autonomia disponível fora das paredes religiosas (VASCIAVEO, 2007). O jejum e a mortificação corporal não apenas demonstravam santidade, mas também legitimavam a autoridade moral e espiritual da mulher perante a comunidade eclesial.

Santa Catarina faleceu em 1380, aos 33 anos, idade simbólica por coincidir com a vida de Cristo (MBC, 2023). Canonizada em 1461 pelo Papa Pio II, proclamada padroeira da Itália em 1939 por Pio XII e declarada Doutora da Igreja em 1970 por Paulo VI, Catarina permanece um exemplo paradigmático de ascetismo feminino, cujo corpo e espírito foram submetidos a rigorosas práticas de mortificação como caminho de união mística com Deus (DERZI, 2014).

## 1.2. Santa Maria Madalena de Pazzi

Santa Maria Madalena de Pazzi, nascida Caterina de Pazzi em Florença, Itália, em 2 de abril de 1566, seguiu trajetória espiritual semelhante à de Santa Catarina de Siena, demonstrando desde cedo uma inclinação profunda à vida mística e ao ascetismo extremo (VASCIAVEO, 2007). Seu nome de batismo, em homenagem a Catarina de Siena, revela a

proximidade espiritual que sua família e a própria santa percebiam entre ela e a figura da santa medieval, reforçando a continuidade de uma tradição de devoção radical entre mulheres religiosas (MATOS, 2025).

A infância de Maria Madalena foi marcada por experiências místicas precoces. Aos 12 anos, teve seu primeiro êxtase espiritual, sinalizando a partir dessa idade uma intensa predisposição para práticas de mortificação corporal e contemplação profunda (MATOS, 2025). Aos 16 anos, quando seus pais manifestaram interesse em casá-la, ela resistiu firmemente, declarando preferir a morte a renunciar ao seu voto de castidade. Três semanas após sua primeira comunhão, consolidou sua entrada no convento das Carmelitas de Santa Maria dos Anjos, iniciando oficialmente sua vida religiosa (VASCIAVEO, 2007).

No convento, Maria Madalena implementou práticas de ascetismo extremo, incluindo jejuns prolongados, auto-flagelação e vigílias noturnas. Dormia sobre troncos de madeira, expunha-se a banhos com água fria durante o inverno e restringia a alimentação a pão e água, exceto aos domingos, quando consumia pequenas porções de restos deixados por suas irmãs de convento (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Quando forçada a ingerir mais alimentos, recorria à purgação como meio de penitência, interpretando episódios de compulsão alimentar como tentações diabólicas (BRUMBERG, 2000).

Essas práticas não apenas refletiam sua intensa devoção, mas também indicavam a internalização de uma tradição mística feminina em que sofrimento físico e jejum eram compreendidos como caminhos para a união direta com Deus (PAGELS, 1979). A percepção de que o corpo era um obstáculo à experiência espiritual fortaleceu a associação entre ascetismo extremo e santidade feminina, um fenômeno recorrente em conventos europeus durante a Idade Moderna (DERZI, 2014).

A vida de Maria Madalena foi marcada por sucessivos êxtases, visões da Paixão de Cristo e experiências de êxtase místico que a colocaram em destaque na história da Igreja Católica (VASCIAVEO, 2007). Sua morte, em 25 de maio de 1607, não encerrou a influência de suas práticas ascéticas; pelo contrário, consolidou seu legado como símbolo de santidade e devoção radical, reforçando a ideia de que o sofrimento físico poderia ser transcendido em busca da perfeição espiritual (CORDÁS; WEINBERG, 2002).

O estudo da trajetória de Santa Maria Madalena evidencia a continuidade e transformação de práticas ascéticas femininas ao longo dos séculos. Enquanto Catarina de Siena viveu no contexto da crise do Papado de Avinhão, Maria Madalena inseriu-se em um período de intensa Reforma e Contrarreforma, em que a disciplina e a pureza espiritual feminina eram fortemente valorizadas, mas também regulamentadas pelo controle institucional da Igreja (BRUMBERG, 2000). Assim, sua vida não apenas reflete devoção individual, mas também revela tensões culturais e religiosas em torno do corpo, do poder feminino e da autoridade espiritual.

## 2. A GNOSE E O ASCETISMO

### 2.1. Gnose e ascensão espiritual

O termo “gnose”, derivado do grego gnosis, designa um conhecimento obtido por revelação direta, transcendendo a aprendizagem empírica ou o simples ensino formal (PAGELS, 1979). No contexto do cristianismo primitivo, o gnosticismo desenvolveu-se como uma filosofia mística, integrando elementos cristãos, neoplatônicos e orientais, enfatizando a salvação da alma através do conhecimento espiritual. Entre seus princípios centrais está a concepção do corpo como prisão da alma, reflexo de uma miséria existencial em que o ser humano se encontra aprisionado no mundo material, criado por um demiurgo imperfeito (CARUS, s.d.).

Essa concepção de corpo como obstáculo espiritual encontra eco nas práticas de mortificação de Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi. Ambas buscavam, através de jejuns, flagelações e isolamento, superar as limitações físicas e aproximar-se de uma experiência direta com o divino (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Para essas santas, o sofrimento corporal não era mero ato de punição, mas um instrumento de elevação espiritual, equivalente à gnose, na medida em que o conhecimento divino se tornava acessível por meio da vivência intensa da experiência mística.

A gnose, nesse sentido, conecta-se diretamente à tradição ascética: a alma é vista como elemento puro, enquanto o corpo representa o mundo sensível, transitório e potencialmente corruptor. O desapego do corpo e a subjugação de seus desejos constituem, assim, uma via de purificação, permitindo à alma transcender os limites materiais (PAGELS, 1979; BRUMBERG, 2000). Santa Catarina, por exemplo, vivia experiências místicas desde a infância, antes mesmo de aprender a ler e escrever, indicando que sua ligação com o divino se dava por revelação direta e não por instrução formal (DERZI, 2014).

No caso de Maria Madalena de Pazzi, a ênfase na experiência interior se manifesta nos êxtases, visões da crucificação e episódios de intensa dor física. Essa prática reflete uma busca gnóstica por conhecimento e união com Deus, na qual o corpo é simultaneamente instrumento e obstáculo (VASCIAVEO, 2007). A repetição de jejuns, a auto-flagelação e a renúncia ao prazer corporal são compreendidas como meios de transcender o material e acessar o espiritual, consolidando uma tradição de mística feminina que se estende por séculos.

## 2.2. Ascetismo

O ascetismo é uma prática religiosa caracterizada pela disciplina rigorosa sobre o corpo e a renúncia a prazeres terrenos, com o objetivo de alcançar elevação espiritual, purificação e domínio sobre si mesmo (WEBER, 2004). Presente em diversas tradições religiosas, o ascetismo no cristianismo medieval e moderno assumiu formas extremas, especialmente entre mulheres devotas, que associavam a abstinência alimentar e a mortificação física à santidade.

Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi praticaram jejuns prolongados, flagelação corporal, vigílias noturnas e isolamento social, integrando essas práticas à sua vida cotidiana e às atividades religiosas (CORDÁS; WEINBERG, 2002). O jejum extremo, em particular, representava uma forma de domínio sobre o próprio corpo, permitindo que a vontade espiritual se sobrepusesse às necessidades fisiológicas. De acordo com Brumberg (2000), tais práticas podem ser vistas, sob a perspectiva moderna,

como precursoras de transtornos alimentares, especialmente quando a restrição alimentar se torna central na construção da identidade e do poder pessoal.

Além disso, o ascetismo feminino funcionava como instrumento de afirmação simbólica e autoridade espiritual em um contexto de restrição social. Em conventos, onde as oportunidades de liderança eram limitadas, a autodisciplina e o controle rigoroso do corpo conferiam prestígio e legitimidade, permitindo que mulheres como Catarina e Maria Madalena exercessem influência sobre suas comunidades (VASCIAVEO, 2007).

O apogeu do ascetismo feminino coincide historicamente com períodos de intensa religiosidade e crises da Igreja, como a crise do Papado de Avinhão e a Contrarreforma. Nesses contextos, práticas de jejum extremo e mortificação corporal eram valorizadas como expressão máxima de santidade, ainda que envolvessem riscos significativos à saúde física (DERZI, 2014). Dessa forma, a análise do ascetismo permite compreender a complexidade da relação entre fé, corpo e identidade, evidenciando como a espiritualidade pode, em certos contextos, se manifestar em padrões de comportamento extremos e potencialmente autodestrutivos.

### 3. A BÍBLIA E O JEJUM

O jejum é uma prática religiosa profundamente enraizada na tradição bíblica, presente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, e simboliza a disciplina sobre o corpo em favor do espírito (BÍBLIA, s.d.). No Antigo Testamento, figuras como Moisés e Elias jejuaram longos períodos, demonstrando devoção, arrependimento e preparação para receber revelações divinas (WEBER, 2004). No livro de Joel 2:12, por exemplo, há um chamado explícito: “Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejum, e com choro, e com pranto”, evidenciando a ligação entre abstinência alimentar e entrega espiritual total.

No Novo Testamento, Jesus Cristo reafirma e dá nova dimensão à prática, orientando os discípulos a jejuar com sinceridade e discrição, não buscando reconhecimento humano, mas fortalecendo a relação íntima com Deus (Mateus 6:16-18; BÍBLIA, s.d.). Além de disciplina física, o jejum passa a ser compreendido como exercício de humildade, purificação e resistência às tentações, consolidando seu valor como instrumento espiritual. Para as santas medievais, o jejum prolongado e extremo estava, portanto, fundamentado em uma tradição milenar, em que a privação corporal era expressão concreta de fé e devoção (CORDÁS; WEINBERG, 2002).

Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi incorporaram o jejum em suas vidas de forma radical, seguindo a lógica bíblica de subjugação da carne ao espírito. Em suas cartas e relatos biográficos, há constantes referências ao jejum como meio de purificação, penitência e intercessão pelos pecadores (DERZI, 2014; VASCIAVEO, 2007). No caso de Catarina, jejuns e mortificações foram mantidos mesmo antes de saber ler, revelando que sua prática ascética se baseava em experiência direta com o divino, em consonância com a tradição gnóstica de conhecimento por revelação (PAGELS, 1979).

Para Maria Madalena, o jejum era também um instrumento de resistência a desejos considerados tentadores e pecaminosos, como o desejo de comer.

Em seus relatos, a disciplina alimentar aparece como um campo de batalha espiritual, em que o corpo precisava ser subjugado para que a alma permanecesse pura e conectada a Deus (BRUMBERG, 2000; VASCIAVEO, 2007). Assim, a prática do jejum, além de bíblica, torna-se uma estratégia de transformação do corpo em veículo de santidade, reforçando o paralelismo entre tradição bíblica, ascetismo e experiências místicas.

A compreensão do jejum no contexto bíblico também permite perceber a complexidade do fenômeno conhecido como “anorexia santa”. A recusa extrema de alimentos, em ambos os casos, não se relaciona à estética ou ao controle de peso, mas à disciplina espiritual e à busca de intimidade com o divino (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Essa interpretação contemporânea, apoiada por estudos históricos e psiquiátricos, mostra como práticas originalmente religiosas podem se transformar em padrões autodestrutivos quando levadas ao extremo, mesmo que motivadas por fé profunda (BRUMBERG, 2000).

Portanto, a tradição bíblica e a prática do jejum fornecem o arcabouço teológico e cultural que legitimou as escolhas de Catarina de Siena e Maria Madalena de Pazzi, mas também revelam a ambiguidade da experiência religiosa extrema: a mesma prática que purifica e fortalece espiritualmente pode, se descontextualizada ou intensificada, colocar em risco a vida física e mental do praticante (WEBER, 2004; DERZI, 2014).

#### 4. RELIGIÃO E SAÚDE ALIMENTAR

O estudo histórico e psiquiátrico das vidas de santas como Catarina de Siena e Maria Madalena de Pazzi trouxe à luz um fenômeno que hoje é conhecido como “anorexia santa” (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Essa expressão descreve casos em que a recusa alimentar ultrapassa o simbolismo espiritual e assume características de autoprivação radical, demonstrando a tênue linha entre devoção extrema e padrões de comportamento potencialmente patológicos. A análise desses casos revela como práticas originalmente religiosas podem se sobrepor à preservação da saúde física, colocando o corpo em risco sem que a intenção seja esteticamente motivada, mas sim espiritualmente fundamentada (BRUMBERG, 2000).

A relação entre religiosidade e alimentação reflete um contexto histórico em que o controle sobre o corpo era também uma forma de expressão de identidade e autoridade, especialmente para mulheres em conventos (VASCIAVEO, 2007). Em sociedades patriarcais, onde oportunidades de liderança feminina eram limitadas, o domínio sobre si mesma e a demonstração de resistência física através do jejum ou da mortificação conferiam prestígio espiritual. Assim, o corpo se tornava um instrumento simbólico de poder, validando a santidade da praticante e inspirando a comunidade religiosa (DERZI, 2014).

Sob a ótica contemporânea da psicologia e da medicina, práticas como jejuns prolongados, purga e auto-flagelação são identificadas como sinais compatíveis com transtornos alimentares, particularmente anorexia nervosa (CORDÁS; WEINBERG, 2002). No entanto, diferentemente da anorexia moderna, marcada muitas vezes por preocupações estéticas ou desejo de controle social, a motivação das santas estava enraizada na espiritualidade, na busca por pureza e na experiência direta com Deus. Essa distinção

mostra como fatores culturais e históricos influenciam a interpretação de comportamentos semelhantes ao longo do tempo (BRUMBERG, 2000).

A disciplina alimentar e corporal das santas também evidencia a importância de compreender práticas religiosas no contexto de sua época. No período medieval e renascentista, jejuns rigorosos eram celebrados como atos de virtude e eram frequentemente incluídos nos hagiográficos como exemplos de devoção extrema. Porém, o aumento de mortes precoces ou de colapsos físicos levou autoridades eclesiásticas a intervir, regulamentando limites e alertando que a santidade não deveria ser medida pela quantidade de sofrimento físico (CORDÁS; WEINBERG, 2002; DERZI, 2014).

A análise interdisciplinar entre história, teologia, psicologia e medicina permite compreender a complexidade do fenômeno. A devoção extrema de Catarina de Siena e Maria Madalena de Pazzi evidencia que o corpo pode se tornar campo de batalha espiritual e, ao mesmo tempo, emocional e físico. Reconhecer essa dualidade é essencial para evitar leituras anacrônicas, que julguem ações históricas com critérios modernos de saúde, sem considerar o contexto religioso, social e cultural que as moldou (WEBER, 2004; BRUMBERG, 2000).

Além disso, esses estudos contemporâneos destacam a necessidade de um equilíbrio entre espiritualidade e cuidado físico. Enquanto a renúncia e o ascetismo podem gerar crescimento espiritual, quando levados ao extremo, tornam-se formas de autodestruição (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Portanto, o legado dessas santas, embora inspirador do ponto de vista religioso, também serve como alerta sobre os riscos do extremismo ascético, evidenciando que a fé deve caminhar junto com a preservação da vida e da saúde.

Em última instância, a relação entre religião e saúde alimentar nas histórias dessas santas reforça a complexidade do corpo como instrumento espiritual. Ao submetem-se a jejuns prolongados e mortificações, Catarina e Maria Madalena transformaram o corpo em um meio de santificação, mas também demonstraram como a devoção, quando sem limites, pode se tornar autodestrutiva. Essa reflexão contemporânea, apoiada em estudos históricos e psiquiátricos, contribui para uma compreensão mais ampla do ascetismo feminino e das intersecções entre fé, cultura e saúde (BRUMBERG, 2000; DERZI, 2014).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi representam figuras centrais no imaginário religioso ocidental, não apenas pelo fervor espiritual, mas também pelo modo como expressaram sua devoção por meio de práticas ascéticas radicais (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Ambas demonstraram, desde a juventude, desapego ao mundo material, inclinação à vida de oração, silêncio e penitência, refletindo a concepção medieval e renascentista de que a santidade exigia controle sobre o corpo e renúncia aos prazeres terrenos (DERZI, 2014).

O contexto histórico em que viveram influenciou fortemente suas escolhas. Catarina, no século XIV, atuou em um período de crise da Igreja durante o Papado de Avinhão, enquanto Maria Madalena, no século XVI, vivenciou a Reforma e a Contrarreforma Católica. Nessas épocas de intensa tensão

espiritual e social, o jejum prolongado e a mortificação corporal eram vistos como meios legítimos de unir-se a Deus, reforçando a santidade e legitimando a autoridade espiritual feminina em ambientes restritos, como conventos (VASCIAVEO, 2007).

O ascetismo praticado por essas santas incluía jejuns rigorosos, vigílias noturnas, auto-flagelações e uso de cilícios. Tais práticas, embora motivadas por fé, revelam um paralelo com padrões de comportamento que hoje seriam reconhecidos como transtornos alimentares, especialmente anorexia nervosa (BRUMBERG, 2000). A distinção fundamental está na motivação: enquanto a anorexia moderna se associa a preocupações estéticas, a chamada “anorexia santa” derivava de intenções espirituais, buscando purificação e proximidade com o divino (CORDÁS; WEINBERG, 2002).

A análise contemporânea desses casos permite compreender a relação complexa entre corpo, mente e espiritualidade. O corpo, utilizado como instrumento de santificação, torna-se ao mesmo tempo campo de batalha e meio de afirmação de identidade em um contexto patriarcal. Essa dimensão simbólica do ascetismo feminino evidencia que práticas religiosas extremas podem ter significados múltiplos: religiosos, sociais e psicológicos (DERZI, 2014).

A postura da Igreja em relação a esses fenômenos foi ambígua. Por um lado, o jejum e a mortificação eram celebrados como sinais de santidade; por outro, diante de riscos à saúde e da mortalidade precoce, autoridades eclesásticas intervieram, regulando práticas e alertando que a santidade não se mede pelo sofrimento físico, mas pela virtude e caridade (CORDÁS; WEINBERG, 2002). Esse posicionamento ressalta a necessidade de equilibrar disciplina espiritual com preservação da vida, uma reflexão que permanece relevante nos estudos contemporâneos sobre religiosidade e saúde mental.

Além disso, essas histórias ilustram como o ascetismo, quando radicalizado, pode se transformar em forma de autodestruição, mesmo que motivado por devoção. A trajetória das santas nos alerta sobre os limites entre fé e saúde, oferecendo um exemplo de como práticas espirituais devem considerar também o cuidado com o corpo, que é, no pensamento cristão, dom divino a ser preservado (WEBER, 2004; BRUMBERG, 2000).

Em síntese, Santa Catarina de Siena e Santa Maria Madalena de Pazzi inspiram pelo exemplo de fé radical e entrega total, mas também alertam sobre os perigos da devoção extrema sem equilíbrio. O legado dessas santas é duplo: inspira a busca por crescimento espiritual e disciplina, e ao mesmo tempo fornece lições sobre os limites do corpo humano e a necessidade de integração entre espiritualidade e cuidado integral (DERZI, 2014; VASCIAVEO, 2007).

O estudo interdisciplinar dessas trajetórias — que envolve história, teologia, psicologia e medicina — demonstra que compreender práticas ascéticas não se limita a julgamentos morais ou religiosos. É necessário analisar as implicações físicas, psicológicas e sociais, reconhecendo tanto o valor espiritual quanto os riscos associados. Essa abordagem permite construir um olhar mais equilibrado sobre o ascetismo feminino e a relação entre devoção e saúde, oferecendo insights relevantes para práticas espirituais

contemporâneas que busquem harmonizar fé e bem-estar (CORDÁS; WEINBERG, 2002; BRUMBERG, 2000).

Finalmente, revisitar as vidas de Catarina e Maria Madalena nos convida a refletir sobre o verdadeiro sentido do ascetismo: não se trata de sofrimento extremo, mas de transformar renúncia em amor, disciplina em serviço e dor em compaixão, integrando corpo e alma em direção à união com Deus. O legado dessas santas permanece vivo, não como modelo de autoprivação a ser imitado cegamente, mas como inspiração para uma espiritualidade que valoriza tanto a entrega quanto o cuidado consigo mesmo e com os outros (DERZI, 2014; VASCIAVEO, 2007).

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. (Almeida Revista e Corrigida). Sociedade Bíblica do Brasil.

BRUMBERG, J. J. (2000). *Fasting girls: The history of anorexia nervosa*. New York: Vintage.

CARUS, P. *Gnosticism in Its Relation to Christianity*. The Monist.

CORDÁS, T. A.; WEINBERG, C. (2002). Santas anoréxicas na história do Ocidente: o caso de Santa Maria Madalena de Pazzi. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(3), 157-158. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rbp/a/C3hFDJVgj5VsmBJdYnNkQfQ> />.

DER

ZI, C. A. M. (2014). Catarina de Sena: a anorexia e suas manifestações de ato. *Tempo Psicanalítico*, 46(1), 134-145. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>.

MATOS, G. (2025). *Santa Maria Madalena de Pazzi, Virgem Carmelita e Mística*. Disponível em: <https://blog.comfebrasil.com.br>.

MBC. (2023). *Santa Catarina de Sena: história, visões, obras e legado*. Disponível em: <https://bibliotecacatolica.com.br>.

PAGELS, E. (1979). *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Paulinas.

VASCIAVEO, C. (2007). Madalena de Pazzi, o tesouro escondido na Igreja. *30 Dias*, 11. Disponível em: [https://www.30giorni.it/articoli\\_id\\_16553\\_l6.htm](https://www.30giorni.it/articoli_id_16553_l6.htm).

WEBER, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.

WEINBERG, C.; CORDÁS, T. A. (2006). *Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa*. São Paulo: Annablume.